

NÃO ENGORDA, MAS É CANCERÍGENO: ENSAIO SOBRE A CORPOREIDADE NO TERCEIRO MILÊNIO

Deonir Luís Kurek — Lucas Prado Carvalho



The Prison of the Body - John Baler - 1973



RESUMO: Por meio da alusão a diferentes referências, tanto teóricas como da vida cotidiana, este ensaio busca suscitar reflexões sobre a corporeidade no contexto atual. O texto foi construído especialmente com a preocupação de problematizar idéias e práticas ligadas aos regimes vivenciados na atualidade. A partir deste trabalho, pretende-se contribuir para a discussão sobre os diversos elementos que influenciam a produção das subjetividades contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Regime; Subjetividade.

ABSTRACT: This essay tries to reflect about the actually corporality by thinking about theoretical and daily references. The focus is the asking of ideas and practices linked the actually regimes. The paper hopes to contribute to understanding the production of contemporary subjectivity.

KEYWORDS: Body; Regime; Subjectivity.

1. INTRODUÇÃO

Ter um dia muito corrido, cheio de coisas para fazer, é muito legal. Ao ocupá-lo com diferentes atividades, você vai se sentir uma pessoa mais realizada, com mais vida, saúde e satisfação. Quando o tempo apertar, não se preocupe, o Catchup Esquivo está sempre pronto para ajudar você. (Texto extraído de embalagem de catchup).

Com este estudo, temos a intenção de apresentar algumas idéias sobre “regimes” atuais ligados à corporeidade. Para tanto, utilizamos o termo regime no sentido de “práticas para alcançar determinado objetivo”. Nesse caso, objetivos ligados ao corpo. Na exposição de nossas noções sobre este tema, pretendemos, mais do que apresentar respostas conclusivas, provocar questionamentos sobre formas de subjetivação em nosso tempo-espço atual.

Além disso, temos basicamente outras duas preocupações quando escrevemos. A primeira é epistemológica: onde autores são citados para dar embasamento teórico que proporcione uma interlocução com outras discussões sobre corporeidade. A segunda é a preocupação em atingir qualquer leitor que por ventura tiver acesso a este texto, nos definindo como pessoas que não só falam sobre questões ligadas ao corpo, mas que estão inseridas no mesmo contexto e vivenciam, portanto, as mesmas ansiedades.¹ Este contexto é um mundo onde receitas para o bem viver podem ser encontradas em embalagens de *catchup*. Nessa dimensão, nossas fontes serão recortes do cotidiano reinventado todos os dias e que, estampado em *outdoors*, é disponibilizado para o consumo.

Entendemos que as informações que nos assaltam no cotidiano talvez estejam interferindo mais em nossos comportamentos do que imaginamos. Por tais motivos, ao invés de descartá-las, nos utilizaremos delas como fonte de inspiração para o debate. Mas, assim, nosso texto corre o risco de se aproximar mais da *pop art* do que da ciência.

2. SOBRE A PRODUÇÃO DE REGIMES CONTEMPORÂNEOS

Iniciaremos procurando definir nosso entendimento sobre regime. Já em nosso título julgamos indicar que estamos num tempo orientado por determinadas receitas de felicidade. Contudo, o uso deve ser controlado de tal maneira a evitar possíveis conseqüências indesejadas. Neste tempo, também há evidências de que determinados produtos causam mal, porém sua comercialização é permitida. Dessa forma, alguns mecanismos são acionados numa tentativa de reduzir danos, mas os efeitos, em muitos casos, acabam por produzir apenas diferentes referências para a escolha do consumidor. Entre outros, por exemplo, é o caso das imagens estampadas nas

embalagens de cigarros. Uma medida, fundamentada na conscientização, acaba por instituir que na compra do produto se escolha, além do cigarro desejado, a imagem menos chocante. Assim, novas práticas – com apelos ao bem-estar e à morte – vinculam-se aos regimes atuais.



The Thinker Surrounded by Gears - Chuck Carlton - 1986

Michel Foucault, na obra *História da sexualidade*, descreveu como vários regimes foram produzidos em diferentes épocas. E, também, como estes regimes possuíam uma ligação com outros elementos sociais que ampliavam o significado do termo “regime”, deixando de ser entendido apenas como prescrição dietética:

A prática do regime enquanto arte de viver é bem outra coisa do que um conjunto de precauções destinadas a evitar as doenças ou terminar de curá-las. É toda uma maneira de se constituir como um sujeito que tem por seu corpo o cuidado justo, necessário e suficiente. Cuidado que atravessa a vida cotidiana; que faz das atividades maiores ou rotineiras da existência uma questão ao mesmo tempo de saúde e de moral; que define entre o corpo e os elementos que o envolvem uma estratégia circunstancial; e que, enfim, visa armar o próprio indivíduo com uma conduta racional (Foucault, 1984, p. 98-99).

Nesse sentido, em nossa atualidade, entendemos que estamos envolvidos num

processo irreversível de produção de mensagens sobre regimes a serem implementados. Não seria presunção afirmar que há um monumental uso de inteligência para produzir imagens e mensagens sobre como, afinal, podemos ser felizes. Nesta produção, visualizamos, em relação ao corpo, pelo menos, duas vias. Uma produz significados sobre o corpo ligados à natureza: o corpo como substância com necessidades que devem ser atendidas. Na outra via, o uso da inteligência é empregado na produção simbólica. Na produção, inclusive, de necessidades. O corpo passa a ser o portador e motivador de outros significados, todos eles conectados a determinados produtos que, ao serem consumidos, satisfariam as necessidades criadas. E este consumo não será somente de produtos; consome-se a imagem, a idéia, o falar sobre.

3. CORPO, CONSUMO E PROCESSOS DE SUJEIÇÃO

Temos de definir como compreendemos o contexto onde estes aspectos são produzidos. Sobre esta questão encontramos nas reflexões do sociólogo Zygmunt Bauman um auxílio para esclarecermos nosso ponto de vista. Bauman ocupa um lugar de destaque no presente estudo quando, ao escrever sobre o processo de individualização do qual fazemos parte, nos apresenta o cenário atual. Por meio das imagens que invoca, ele realiza o que, nos dizeres de Foucault, seria o papel do intelectual: “A razão de ser dos intelectuais se estriba em um tipo específico de agitação: modificação do próprio pensamento e na modificação do pensamento dos outros”. Como analisa Fernando Alvarez-Uria, o papel do intelectual não consistiria em dizer aos demais o que fazer — conhecemos os efeitos das teorias dos últimos séculos —, consiste, isto sim, em re-problematizar os hábitos (papel intelectual) e participar na formação de uma vontade

política, este seu papel de cidadão (apud Foucault, 1987, p. 9). Mas, eis a descrição de Bauman sobre o nosso tempo:

Nosso tempo é propício aos bodes expiatórios – sejam eles políticos que fazem de suas vidas privadas uma confusão, criminosos que se esgueiram nas ruas e nos bairros perigosos ou “estrangeiros entre nós” O nosso é um tempo de cadeados, cercas de arame farpado, ronda nos bairros e vigilantes; e também de jornalistas de tablóides “investigativos” que pescam conspirações para povoar de fantasmas o espaço público funestamente vazio de atores, conspirações suficientemente ferozes para liberar boa parte dos medos e ódios reprimidos em nome de novas causas plausíveis para o “pânico moral” (Bauman, 2001, p. 48).

As imagens expressas no texto de Bauman são seguramente diferentes das de outros filósofos, como Platão que imortalizou a “alegoria da caverna”. Elas não possuem a forma narrativa de outras épocas. Mas são muito procedentes, porque nas imagens mencionadas pelo autor conseguimos visualizar que ações, comportamentos e atitudes ali se aninham. E, concordamos com ele. Há, realmente, um certo medo instalado em nossa atualidade. Não que este fenômeno não estivesse presente em outras épocas. Pensamos apenas que atualmente tal aspecto está potencializado.

Sobre este tema, Valdo Barcelos reflete sobre dois tipos de terrorismo que estariam nos atingindo hoje: o terrorismo de grupos (como os ataques às torres gêmeas em Nova York em setembro de 2001) e o terrorismo de Estado (como as intervenções bélicas dos Estados Unidos). E, ao explicar como esses terrorismos nos afetam, registra:

Essa é, talvez, a grande arma do terrorismo contemporâneo: nunca sabemos de que forma ele será exercido concretamente. É esse desconhecido que mais incomoda. É aquilo que mais “aterroriza” no terrorismo.

Daí que se pode pensar até mesmo no fato de que a barbárie já está instalada: a barbárie do medo permanente (...). Essa a grande “vitória” do terrorismo: fazer o “inimigo” viver com medo (Barcelos, 2004, p. 16).

Nesse contexto, nossa inteligência se move para criar técnicas de reinvenção da vida. E, nesta produção, as criações que extrapolam o plano do natural (biológico) ganham evidência. Tanto é assim que podemos observar na indústria corporal uma economia simbólica sendo estimulada. Se tomarmos o corpo feminino como exemplo e nos perguntarmos sobre as imagens criadas sobre ele, percebemos as duas vias, acima citadas, em processo. Como já foi dito: uma está na linha da natureza e da necessidade; outra desenvolve uma economia da imagem, de significações que necessitarão de produtos e serviços para satisfazer outras “necessidades”.

Detemo-nos um pouco no exemplo: os seios são parte do corpo feminino e, ao pensarmos sobre eles, podemos distinguir ao menos duas formas de uso da inteligência. Numa destas formas, os seios estão ligados à amamentação materna, à saúde do bebê e, também, aos cuidados para prevenção de doenças, portanto, uma idéia de saúde fundamenta uma determinada produção: programas, campanhas, slogans etc. Ao mesmo tempo em que se elabora esta imagem, uma outra se manifesta com muito mais realce: é a dimensão simbólica. Aqui, os seios são objetos de desejo, elemento de sedução adotado em campanhas publicitárias patrocinadas pela indústria estético-corporal.

Para Cornelius Castoriadis, a sociedade constitui seu simbolismo, mas não dentro de uma liberdade total: “O simbolismo se crava no natural e se crava no histórico (ao que já estava lá); participa, enfim, do racional. Tudo isto faz com que surjam encadeamentos de significantes, relações entre significantes e significados, conexões

e conseqüências, que não eram nem visadas nem previstas” (Castoriadis, 1991, p. 152). Dessa forma, é importante frisar que as produções do primeiro grupo não fogem da dimensão simbólica. Apenas estão fundamentadas em imagens mais aproximadas à sobrevivência: seriam, pode-se dizer, de primeira ordem.

Diferentemente da primeira alusão aos seios, a segunda categoria compreende uma gama de produções muito maior que, dessa forma, influenciarão os regimes atuais com mais intensidade. Silicone, sutiãs apropriados para moldar e evidenciar a sensualidade em tipos diferentes de seios, biquínis, óleos, exercícios físicos específicos, receitas alimentares e, principalmente, enunciados sobre o assunto. Inúmeras revistas especializadas em estética corporal, assim como alguns programas de televisão, alimentam os diálogos de homens e mulheres. Zygmunt Bauman nos dá um exemplo da dimensão do movimento desta economia: “Segundo os cálculos de Barry Glassner, em um ano – 1987 – os norte-americanos preocupados com o corpo gastaram 74 bilhões de dólares em alimentos dietéticos, cinco bilhões em academias, 2,7 bilhões em vitaminas e 738 milhões em equipamentos de exercícios” (Bauman, 2001, p. 95). Convém acrescentar a estes dados o enorme volume de produções culturais — revistas, músicas, páginas na internet — nas quais os seios são estímulos que atraem a atenção, em especial do público masculino.

Contudo, nosso exemplo sobre seios e a indústria que se movimenta em seu entorno é, de nossa parte, uma provocação. Poder-se-ia escolher qualquer parte ou o corpo em sua integralidade e teríamos semelhantes desdobramentos. Precisamos, então, questionarmos sobre como podemos encontrar esses elementos na vida cotidiana? Como eles fazem parte de nosso regime? Tomaremos como forma de ilustração um fragmento do conto “Labor Dei” de



Silviano Santiago. Imaginemos que pedissemos a um cidadão qualquer para que ele se autodefinisse. O que ouviríamos, certamente, não estaria muito longe desse exemplo vindo da literatura.

Percorri uma gama monocórdica de acontecimentos.
Bebi água toda minha vida, desde pequeno.
Comi uma quantidade incrível de comida.
Tomei banho todos os dias. Palmolive.
Fui irregularmente à privada.
Andei de automóvel, de ônibus, de bonde, de trem, de avião e de bicicleta.
Li diversos livros sobre variáveis assuntos.
Escrevi muitas cartas.
Não sou católico.
Assisti a incontáveis aulas dadas por numerosos professores nacionais e estrangeiros.
Nunca fumei, mas fiz sexo várias vezes.
Bebo com certa frequência modulada.
Durmo todas as noites, com exceção.
Não posso dormir sem travesseiro, no entanto.
Escovo os dentes duas vezes ao dia. Colgate.
Nunca me casei.
Falo muito no telefone, até mesmo interurbano.
Há animais com quem nunca consegui conversar.
Nem sempre uso gravata.
Masco chiclete quando tenho medo de mau hálito.
Fui ao médico, ao barbeiro, ao dentista, ao sapateiro, ao engraxate, ao oculista, a restaurantes, a cinemas e teatros (Santiago, 1977, p. 87).

Mesmo sendo um exemplo ficcional, acreditamos que esse “depoimento” revela que não há, na contemporaneidade, uma incorporação pelo sujeito de problematizações com vistas à conscientização das inúmeras relações que estabelece com o mundo. Parece que o personagem do poema autobiográfico está apenas respondendo a informações, mas, por outro lado, se o tomarmos na sua subjetividade, como nos versos “há animais com quem nunca consegui conversar” e “nem sempre uso gravata”, nota-se uma noção do

mundo em que vive e dos papéis que precisa representar. Ainda, percebe-se, no texto, uma ligação entre satisfação de necessidades e a indústria (marcas) que oferece os produtos para sua satisfação.

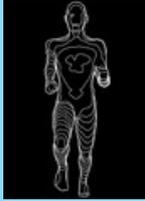


Untitled 35 - Moore Achenbach - 1927

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com estes exemplos, queremos afirmar a produção irreversível de regimes que tem sua origem no corpo. Estamos, em meio a um contexto de terrorismo, sendo bombardeados também por outras armas: propagandas que anunciam uma vida melhor se determinados produtos forem incorporados ao nosso regime.

Nesse sentido, se buscamos alternativas, poderemos encontrar um caminho que seria o de aceitar este estado de coisas e, outro, que nos remeteria a uma reflexão sobre possíveis saídas. Contudo, esta reflexão não eliminará os regimes impostos, mas poderá levar ao entendimento sobre os processos de sujeição que nos afetam. Seria um primeiro passo, pois as formas de produção de regimes, que levariam a uma vida melhor, são muito diversificadas. Pode-se, por exemplo, consultar um psicólogo ou então uma vidente. Como cantou Zé Rodrix “Procurei uma cigana para me aconselhar / Ela leu minha mão e me disse: / Um dia sua



sorte vai mudar / Mas quando será? / Quando será o dia da minha sorte?”.² Tomadas pelo desejo de respostas, é compreensível que muitas pessoas busquem conselhos para seu “regime” e sejam seduzidas por anúncios como este:

Atenção! Muita atenção. Encontra-se na cidade a famosa Professora Vidente Iara. Que possui conhecimentos da velha Bahia, é reconhecida internacionalmente. Especializada em: cartas, búzios, tarot e linha da vida. Quer saber o que lhe reserva o futuro? Está desempregado? Seu amor está rompido? Seu comércio, indústria e lavoura não vão bem? Quer afastar vícios? Quer afastar feitiço, demanda ou mau olhado? E impotência sexual? Tensão pré-vestibular? Visite-a hoje mesmo. Consulta 10,00.³

Visualiza-se, assim, encoberto por um aparente controle, uma espécie de caos instalado. Este caos, no entanto, está longe de ser um elemento de criatividade contínua, tal como defendem alguns estudiosos como Hakim Bey. É, muito mais, um processo de aniquilação da inteligência, conformando-a apenas a dar respostas adequadas.

Porém, acreditamos que ainda seja possível a realização de algumas práticas no caminho de uma compreensão poética da vida que levaria o sujeito, no nosso entender, a uma postura de menos submissão às imposições da sociedade de consumo e mais “leve” para a produção de outros olhares.⁴ No autor supracitado, lemos:

No Oriente, às vezes os poetas são presos – uma espécie de elogio, já que sugere que o autor fez algo tão real quanto um roubo, um estupro ou uma revolução. Aqui, os poetas podem publicar qualquer coisa que quiserem – o que em si mesmo é uma espécie de punição, uma prisão sem paredes, sem eco, sem existência palpável – reino de sombras do mundo impresso, ou do pensamento abstrato – um mundo sem risco ou *Eros* (BEY, 2003, p. 31).

O autor afirma que se os legisladores se recusam a considerar poemas como crimes, então alguém precisa cometer os crimes que funcionem como poesia, ou textos que possuam a ressonância do terrorismo. Isto porque é preciso “reconectar a poesia ao corpo a qualquer preço. Não crimes contra o corpo, mas contra idéias (e Idéias-dentro-das-coisas) que sejam letais e asfixiantes. Não libertinagem estúpida, mas crimes exemplares, estéticos, crimes por amor” (Bey, 2003, p. 31).

Para finalizar, gostaríamos de registrar nosso entendimento de que na reflexão sobre os regimes está vinculado o entendimento sobre nós mesmos. Podemos, é certo, abandonar esta discussão, ou, pelo menos, expressar o desejo de abandoná-la, como dizia Cazusa: “Eu vou pagar a conta do analista / Pra nunca mais ter que saber quem eu sou”.⁵ Mas, ao mesmo tempo, esperamos que este texto tenha atingido seu objetivo de ser provocador de reflexões sobre os processos de subjetivação. Porém, convém lembrar uma observação que estava na mesma embalagem de onde tiramos a epígrafe citada no início do texto: “Após aberto, conservar em geladeira por no máximo 20 dias”.

T & M

Texto recebido em maio de 2005.

Aprovado para publicação em julho de 2005.

5. SOBRE OS AUTORES

Deonir Luís Kurek é Mestre em Educação. Professor da Unioeste – Campus de Cascavel. Membro do Grupo de Estudos sobre Corporeidade (GRECO), vinculado ao Grupo de Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte (PECLA/Unioeste).

Lucas Prado Carvalho é Graduado em Educação Física. Membro do Grupo de Estudos sobre Corporeidade (GRECO), vinculado ao Grupo de Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte (PECLA/Unioeste).

6. NOTAS

1. Contudo, sabemos que muitos do que vivenciam essas experiências não terão acesso a tais discussões, a não ser pela mediação do "Fantástico - o show da vida".
2. Roberto Livi & Zé Rodrix. "Quando será?". In: Zé Rodrix. *Quando será?*. São Paulo: Emi-Odeon, 1977.
3. Texto extraído de panfleto recebido no centro da cidade de Santa Maria/RS. No final do panfleto há uma observação: "Não comente antes de consultar – obrigado." Pedimos desculpas, então, por utilizá-lo, pois não a consultamos.
4. Nos referimos a uma idéia de leveza tal como definida por Italo Calvino: "Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa" (Calvino, 1990, p. 16).
5. Cazusa & Roberto Frejat. "Ideologia". In: Cazusa. *Ideologia*. Rio de Janeiro: Polygram, 1988.

7. REFERÊNCIAS

- BARCELOS, V. *Império do terror: um olhar ecologista*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEY, H. *Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.
- CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- . *Genealogia del Poder: hermeneutica del sujeto*. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1987.
- SANTIAGO, S. "Labor Dei". In: —. *O banquete*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

Visione di Ezechiele - Giorgio Ghisi - 1562



Anatomia del corpo umano - Ercole Lelli - 1734





A Woodland Nymph - Stephanie Baron - 1978



Woman - René Magritte - 1924



Blue Nude I - Henri Matisse - 1952



Nude Descending a Staircase II - Marcel Duchamp - 1912